

# GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades GeoAmbES



# ARTIGO

## DA CIDADE PARA A ALDEIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM ESTUDANTE INDÍGENA BALATIPONÉ

*From the city to the village: experience report from  
a Balatiponé indigenous student*

*De la ciudad al pueblo: relato de experiencia de un  
estudiante indígena Balatiponé*

### **José Hiago Uapodonepá**

Bolsista de Iniciação Científica Júnior do CNPq.  
Estudante da Escola Estadual Integral Jula Pará do  
Povo Balatiponé no Município de Barra do Bugres.  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-0973-4930>  
E-mail: [hiagojose.u@gmail.com](mailto:hiagojose.u@gmail.com)

### **Luciane Ipaqueri Quezo**

Licenciada em Educação Especial pela  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar),  
Professora da Escola Estadual Integral Jula Pará  
do Povo Indígena Balatiponé no Município de Barra  
do Bugres  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-2767-6494>  
E-mail: [lucianeipaqueriquezo@gmail.com](mailto:lucianeipaqueriquezo@gmail.com)

### **Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira**

Doutora em Geografia pela UFF. Pós-Doutora pela  
Universidade de Coimbra, Professora dos  
Programas de Pós-Graduação em Geografia e  
Educação Intercultural Indígena da Universidade  
do Estado de Mato Grosso, UNEMAT.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8733-8255>  
E-mail: [lisanilpatrocinio@gmail.com](mailto:lisanilpatrocinio@gmail.com)

Como citar este artigo:

UAPODONEPÁ, José Hiago; QUEZO, Luciane  
Ipaqueri; PEREIRA, Lisanil da Conceição  
Patrocínio. Da cidade para a aldeia: relato de  
experiência de um estudante indígena Balatiponé.  
**GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e  
Sociedades** – GeoAmbES, jul./dez. v. 2, n. 6, p.  
121–132, 2024.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes>

Volume 2, Número 6 (2024)  
ISSN 25959026

## DA CIDADE PARA A ALDEIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM ESTUDANTE INDÍGENA BALATIPONÉ

*From the city to the village: experience report from a Balatiponé indigenous student*

*De la ciudad al pueblo: relato de experiencia de un estudiante indígena Balatiponé*

### Resumo

Este trabalho apresenta o relato de experiência de um estudante que sai da aldeia indígena do povo Balatiponé para morar e estudar em cidades, acompanhando a formação e o trabalho de sua mãe. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica, percorrendo visões de autores indígenas e não indígenas acerca do tema. O relato mostra preconceito e homofobia vividos no interior das escolas da Educação Básica, portanto, desvela a diferença da gestão e métodos educacionais pedagógicos, de acordo com a realidade do local onde o ambiente escolar está inserido. Por fim, manifesta a alegria de voltar para a aldeia e ser acolhido por um projeto onde se tornou bolsista de Iniciação Científica Júnior do CNPq.

**Palavras-chave:** Homofobia. Racismo. Educação escolar indígena. Bolsista Júnior do CNPq.

### Abstract

This work presents an experience report of a student who leaves the indigenous village of the Balatiponé people, to live and study in cities following his mother's education and work. The methodology used was bibliographical research, covering the views of indigenous and non-indigenous authors on the topic. The report shows prejudice and homophobia experienced within basic education schools. Therefore, it reveals the difference in management and educational pedagogical methods, according to the reality of the place where the school environment is located. Finally, I express the joy of returning to the village and being welcomed by a project where I became a CNPq Junior Scientific Initiation Fellow.

**Keywords:** Homophobia. Racism. Indigenous school education. CNPq Junior Scholarship.

### Resumen

Este trabajo presenta un relato de experiencia de un estudiante que deja la aldea indígena del pueblo Balatiponé, para vivir y estudiar en las ciudades siguiendo la educación y el trabajo de su madre. La metodología utilizada fue la investigación bibliográfica, abarcando las opiniones de autores indígenas y no indígenas sobre el tema. El informe muestra los prejuicios y la homofobia que se viven en las escuelas de educación básica. Por tanto, revela la diferencia en la gestión y métodos pedagógicos educativos, según la realidad del lugar donde se ubica el ambiente escolar. Finalmente, expreso la alegría de regresar al pueblo y ser acogido por un proyecto donde me convertí en Becario Junior de Iniciación Científica del CNPq.

**Palabras clave:** Homofobia. Racismo. Educación escolar indígena. Beca CNPq Junior.

## Introdução

A educação indígena Balatiponé passou por diversas transformações. Antigamente, os conteúdos baseavam-se na história ocidental e colonial, e os professores não eram indígenas. Os alunos eram punidos, sendo um exemplo disso à palmatória. Atualmente, percebemos quanto a educação escolar indígena mudou. Temos livros didáticos publicados por autores indígenas, o direito de estudar sobre nossa cultura e nossos professores são indígenas Balatiponé (Corezomaé, 2017).

Por sermos povos originários, a sociedade não indígena acredita que não sofremos racismo. Infelizmente, enfrentamos muita discriminação: ao ingressar em uma universidade ou escola, especialmente no caso de indígenas que moram na cidade. Sobre isso, Peixoto, argumenta (2017, p. 17):

[...] O senso comum constrói uma definição de quem é o indígena e quando ele não se enquadra nessa imagem, muitas pessoas se sentem livres para atacar sua identidade e feri-lo na sua essência, os chamando de falsos ou/e acusando-os de aproveitadores. Os indígenas, especialmente a partir de suas inserções na universidade, começam a nomear e a denunciar o racismo historicamente arraigado na sociedade. Denunciam o racismo institucional que os deixou a margem das políticas públicas de igualdade racial e denunciam as violências que sofrem cotidianamente.

Todos os dias, nós, indígenas, somos alvos de comentários maldosos e preconceituosos, tanto pessoalmente quanto pela internet, que deu liberdade para os ignorantes expor o que pensam, tornando-se um espaço livre para o cometimento de crimes de danos morais. O racismo é o mal do mundo, quando uma pessoa tenta ao máximo inferiorizar o próximo apenas pela cor da pele e cultura diferentes da sua. Utilizam de palavras de baixo calão para ferir mentalmente o indígena que foge dos “padrões” cristalizados pela humanidade não indígena e pela pressão da religião católica, que muitas vezes não aceita o credo diferente daquele que prega (Dallari, 1999, p. 255).

Portanto, na comunidade indígena LGBTQIAPN+, a situação não é diferente, sendo até mais agravante. A falta de respeito é evidente e, em muitos casos, não há apoio nem aceitação da própria família. Muitos recebem o silêncio como castigo e,

como punição, são expulsos de suas casas. É fundamental que a sociedade e as instituições se unam para combater a homofobia e criar ambientes escolares seguros e acolhedores para todos os estudantes, independentemente de sua orientação sexual. Dessa forma, será possível eliminar discursos de ódio, xingamentos e agressões, punindo os agressores das vítimas inocentes de nossa comunidade LGBTQIAPN+ (Junqueira, 2007, p. 6).

### **Caracterização da área de estudo**

O trabalho de construção desta pesquisa iniciou-se no início do ano de 2024, quando fui selecionado para ser bolsista de iniciação científica júnior do CNPq. A pesquisa foi planejada, desenvolvida e executada no território indígena Balatiponé, onde se localiza a escola estadual indígena Jula Paré, que adotou o formato de ensino integral. A escola está situada na aldeia Umutina. Nosso território indígena Balatiponé está localizado no Município de Barra do Bugres, próximo ao Município de Denise, no Estado de Mato Grosso. Cabe salientar que eu, José Hiago C. Uapodonepá, estudante, bolsista e pesquisador, durante toda a produção do meu artigo, precisei ocupar o espaço da minha instituição escolar para poder acessar o Chromebook com internet, pois me ajudava nas tarefas em que minha orientadora, Luciane Ipaqueri Quezo, me auxiliava quando eu tinha alguma dificuldade.

### **Caminhos metodológicos**

A primeira etapa ocorreu quando fomos notificados no grupo do WhatsApp, denominado *Bolsistas Jr do CNPq*, pela nossa coordenadora, professora Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira, para participar da Conferência Livre CT&I – de Povos Tradicionais, Quilombola e Indígenas do Estado de Mato Grosso que aconteceu na cidade de Cáceres nos dias 08 e 09 de abril de 2024. A coordenadora enfatizou a importância de participarmos, pois poderíamos apresentar temáticas que representassem nossos povos. Como aluno pesquisador, vejo que é essencial termos

espaços, que venham de fato serem usados por nós, indígenas, sendo ouvidos e bem representados. Na segunda etapa, procurei a professora Luciane Ipaqueri Quezo, para verificar a possibilidade de ela me orientar no meu artigo, e ela aceitou voluntariamente. Posteriormente, começamos a organizar nosso cronograma de estudo, sobre o que iríamos trabalhar.

O trabalho foi, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica, pois ajuda a compreender as visões de autores indígenas e não indígenas acerca do tema do artigo. Quem indicou os artigos científicos para minha leitura foi minha orientadora. Esta pesquisa tem a finalidade de apresentar e comentar meu relato de experiência, abordando os desafios enfrentados ao morar na cidade e na aldeia indígena. Assim, compartilhamos neste texto momentos pessoais, trazendo à tona lembranças boas e ruins, que me emocionam ao relembrá-los. Acredito que meu relato de experiência poderá instigar e motivar o leitor em suas lutas diárias. Desejo, desde já, uma boa leitura, caro leitor.

Estudei na escola indígena durante o ensino infantil e, ao iniciar o ensino fundamental I, em 2013, mudei-me para a cidade. Fomos para Cuiabá porque minha mãe ingressou no curso de Nutrição na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Desde então, comecei a estudar na Escola Municipal Dr. Orlando Nigro até o terceiro ano do ensino fundamental I e voltei para a escola indígena no quarto ano. Minha experiência nesses três anos (2013, 2014 e 2015) estudando na cidade foi muito boa. No início foi bem difícil, pois o ensino era avançado se comparado com a escola indígena na época. Quando comecei a estudar na cidade, não tinha o pleno domínio da leitura nem da escrita. Aprendi lá e tive ótimas experiências. Outra dificuldade foi me adaptar a esse novo mundo. Sair de uma escola indígena e ingressar em uma escola não indígena foi um desafio muito grande e tive que me acostumar.

**Figura 01 – Imagem do autor criança**



Fonte: Arquivo pessoal

Minha locomoção até a escola era bem cansativa. Minha família não tinha nenhum veículo na época, então ia de bicicleta com meu pai todos os dias (eram 3 km para ir e mais 3 km para voltar) sob o sol quente. Quando voltei para escola indígena, levei um choque de realidade, pois estava estudando novamente os conteúdos que eu já tinha visto na cidade, então eu já sabia o que fazer.

Fiz o quarto ano na escola indígena e tive experiências muito diferentes. Na aldeia Umutina, há matérias que não existem na cidade, como a língua indígena do povo Balatiponé. A escola indígena desempenha um papel extremamente importante, utilizando um ensino diferenciado para preservar nossa cultura. Isso é feito a partir das matérias que ensinam a língua indígena, danças, artesanatos, mitos, relatos de vivências e cantos, que são realizados diariamente como parte do currículo diversificado, formaturas e intercâmbios. Além disso, a escola realiza apresentações tradicionais em eventos para os quais é convidada, como em aldeias e cidades.

Em 2017, fomos para a cidade de Rondonópolis, que fica a 217 km de Cuiabá, devido a trabalho de meus pais. Minha mãe começou a trabalhar na Sesai (Secretaria de Saúde Indígena) como nutricionista e meu pai trabalhando na Jullius Pizzaria como pizzaiolo. Durante esse período, tive a oportunidade de estudar em várias escolas, como a E.E Antônio Guimarães Balbino, E.E Profº Carlos Pereira Barbosa e E.E Profº Elizabeth de Freitas Magalhães.

A escola Balbino foi fundamental para o meu aprendizado, focando muito no ensino e nos eventos da cidade. Já a escola Carlos foi totalmente diferente; o ensino não era muito bom e a estrutura da escola era precária. Os alunos enfrentavam

dificuldades para realizar as atividades esportivas, devido aos excrementos de pombos na quadra, chegando ao ponto de precisarem sair da escola para ir à praça mais próxima da escola durante as aulas de educação física. A situação piorou durante a pandemia, quando muitos professores não sabiam como preparar suas aulas *on-line*, já que era algo novo e poucos dominavam as tecnologias para ensino remoto. Acredito que essa fase das aulas *on-line*, foi difícil para toda a comunidade escolar, incluindo alunos, professores, gestores e funcionários.

Quando começou o retorno dos alunos à escola, fomos todos divididos em grupos, denominados A, B e C. A ideia era alternar os grupos de alunos: cada semana um grupo diferente frequentava a escola. Esse sistema permitiu que os alunos pudessem voltar às aulas presenciais de forma escalonada, garantindo um retorno gradual e seguro para todos.

A escola Estadual Elizabeth foi extremamente importante para mim em todos os sentidos. Entrei nessa escola em 2022, cursando o 1º ano do ensino médio. A escola Carlos tinha uma parceria com a Escola Elizabeth que permitia que todos os alunos da escola Carlos completarem o ensino fundamental II. Essa situação acontecia porque a escola Carlos oferece apenas o ensino fundamental, enquanto a Escola Elizabeth oferece o ensino médio. Estão localizadas no mesmo bairro, Jardim Atlântico da cidade de Rondonópolis-MT, o que facilita essa transição para os alunos desse município.

Na escola Elizabeth, o meu aprendizado foi muito bom, especialmente considerando que estávamos saindo de uma pandemia. A escola ainda estava se adaptando às novas regras, como o uso de máscaras, o distanciamento social e a aplicação de álcool em gel ao final de cada aula. No início, foi um desafio para todos se acostumarem. A escola em si tem um forte foco no ensino, esporte, leitura e na aprendizagem da língua inglesa (inclusive possuía até um clube de inglês).

Em 2023 eu passei para o segundo ano do ensino médio, quando foi implementado o novo ensino médio com novas regras. O novo modelo visa proporcionar escolhas aos estudantes quanto à área de interesse. Na minha escola, houve uma votação entre quatro áreas e foram escolhidas duas pela maioria, pois não seria viável oferecer todas as opções. A maioria dos alunos optou pelas áreas de

Linguagens/ Ciências Humanas e Matemática/ Ciências da Natureza. Escolhi cursar o novo ensino médio na área de Linguagens e Ciência da Natureza. No início foi um pouco estranho, mas com o ritmo das aulas, fui me acostumando e tudo foi se tornando mais normal.

Quando entrei no 2º ano do ensino médio, assumi novas responsabilidades e novas experiências significativas. Tornei-me membro do time de vôlei da escola, participei do grêmio estudantil e fui convidado para ser membro do CDCE (Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar), onde eu e mais duas colegas representávamos os alunos na unidade escolar.

No grêmio estudantil, tive a oportunidade de aprender muitas coisas importantes. Graças a ele, assumi mais responsabilidades e a desenvolvi minha maturidade. Também desempenhei um papel significativo para o desenvolvimento do grêmio. Participamos de uma viagem para Cuiabá, onde ocorreu o 1º Encontro de Grêmios Estudantis de Mato Grosso. Esse evento foi muito enriquecedor para o meu conhecimento. Fiquei feliz em ver aqueles adolescentes defendendo e buscando seus direitos como alunos.

**Figura 02 – Imagem do autor adolescente**



Fonte: Arquivo Pessoal

Assim como foi produtivo estudar na cidade, também precisei driblar algumas dificuldades. Ser um indígena que estuda em uma escola urbana não foi fácil. Tive que aprender a lidar com o preconceito e suportar brincadeiras de mau gosto, muitas



vezes sem que nada fosse resolvido, mesmo após buscar ajuda na gestão da escola. Durante muito tempo, precisei aceitar essas piadas e carregar essa injustiça para casa, sem contar nada para meus pais.

São dois mundos totalmente diferentes. Na cidade, tive que lidar com crianças e adolescentes totalmente mal-educados, onde o racismo infelizmente virou motivo de brincadeira e piadas. É alarmante ver como nossos alunos normalizam o racismo e a homofobia. O respeito, que deveria ser ensinado em casa, se tornou responsabilidade da escola. Hoje em dia, muitos alunos não respeitam os professores em sala de aula. Enquanto os docentes tentam ensinar, alguns alunos perturbam a aula com gritos, xingamentos, uso constante do celular e até mesmo brigas. Gestos obscenos com os dedos, também são comuns, prejudicando aqueles que lá estão realmente para aprender.

Um relato angustiante que infelizmente vivenciei envolveu meus professores e meus sonhos. Desde quando comecei a praticar vôlei, tornou-se o meu esporte favorito e, assim como muitos jovens, meu sonho, era me tornar um jogador de vôlei profissional, representando o nosso país. Infelizmente, esse sonho foi interrompido por dois professores. Ao compartilhar meu sonho com eles, recebi um choque de realidade; um deles me disse para desistir, afirmando que eu nunca iria conseguir. Meus colegas tentaram me apoiar, mas o último comentário do professor foi desencorajador, declarando que eu não conseguiria mesmo se fosse o segundo caso do mundo. Profundamente magoado, busquei consolo com uma das minhas professoras favoritas, mas, para minha decepção, ela concordou com as palavras do professor. Desde então, desisti desse sonho.

No dia 24 de agosto de 2023, mudei-me para a aldeia Umutina e comecei estudar na Escola Estadual Indígena Jula Pará. Foi outro choque de realidade para mim, porque o ensino é totalmente diferente do que estava acostumado. A escola funciona em período integral, o que dificultou minha adaptação inicialmente.

Também demorei para me envolver e me enturmar nas atividades escolares. O ensino da escola estadual indígena Jula Pará é muito diferente do que estava acostumado a ter na cidade, com aulas e programações diferentes. Por ser uma escola com número menor de alunos, contrastando com a minha experiência anterior

na Escola Elizabeth, uma das maiores do Estado de Mato Grosso, com mais de 1700 alunos. Além disso, o tempo de estudo também é distinto: enquanto na cidade eu frequentava uma escola com carga horária regular, a escola Jula Paré é de tempo integral.

A diferença dos métodos de ensino é bastante perceptível. Na escola Jula Paré, devido ao tempo integral e ao número reduzido de alunos, há matérias que eu não tinha estudado na cidade, e vice-versa. Um exemplo é a separação do ensino médio por áreas específicas, o que é possível devido ao pequeno tamanho das turmas, com no mínimo 6 alunos. Aqui os alunos estão acostumados a participar de vários eventos, algo que era praticamente impossível na cidade devido a uma nova lei que exige que as escolas organizem as aulas de campo com, pelo menos, 160 dias de antecedência. Esse processo envolvia a necessidade de autorização dos pais ou responsáveis diretamente na unidade escolar, em vez de apenas enviarem bilhetes de autorização. Portanto, não era tão simples realizar saídas de alunos para atividades extracurriculares fora da escola.

## **Resultados e discussão**

Hoje em dia, estudo na escola Julá Paré e tenho orgulho de ser aluno dessa escola, pois a escola proporcionou a oportunidade de produzir este artigo, podendo compartilhar minhas experiências de vida pessoal e educacional. Mais tarde, tornei-me bolsista do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). A escola tem me ensinado a ser uma pessoa melhor; os professores incentivam seus alunos a perseguirem e realizarem seus sonhos. Sinto-me privilegiado por estudar nessa unidade escolar indígena, que é um lugar aberto para o diálogo, onde os alunos têm autonomia.

Sendo assim, sou grato por este momento especial na minha vida, por ter oportunidades não apenas de estudar, mas também de aprender a produzir artigos e aprimorar minhas habilidades de falar em público, o que tem sido muito valioso para minha desenvoltura oral. É gratificante representar, a partir de meu relato de

experiência, minha escola e meu povo indígena Balatiponé e assim saber que meus pais, familiares, professores e amigos sentem orgulho de mim.

Por fim, destaco que esta pesquisa poderá ser um suporte importante para novos pesquisadores, ajudando-os em seus trabalhos e incentivando novas produções científicas e indígenas.

### **Considerações finais**

O desenvolvimento deste trabalho foi muito importante para o meu aprendizado. Realizei pesquisas, li artigos, assisti a entrevistas e busquei várias referências. Uma fala que foi especialmente inspiradora para a elaboração deste artigo foi a da deputada Erika Hilton, que atua nas causas voltadas aos direitos das pessoas negras e LGBTQ+. Erika fala que vivemos em uma sociedade que continua batendo recordes em casos de homofobia, mesmo comparada a países em que a LGBTfobia é crime. O que buscamos e defendemos são os poucos direitos em uma sociedade que nos oprime diariamente, reafirmando que nós existimos e que nossas vidas importam, sim.

Este artigo não apenas compartilha um relato de experiência, mas também oferece ensinamentos sobre as dificuldades enfrentadas pelos indígenas ao ingressar em uma faculdade ou escola. Aborda o duplo preconceito que sofremos pelo simples fato de sermos indígenas e ainda mais intensamente quando somos indígenas homossexuais.

Além disso, este artigo foi contemplado e apresentado na II Olimpíada Nacional e III Mostra Científica de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas do Estado de Mato Grosso, em 2023. Expandimos e aprofundamos ainda mais as situações vividas pelo autor neste trabalho.

Portanto, não existe instituição escolar perfeita. Cada escola possui seu funcionamento, gestão e métodos educacionais pedagógicos, que são de acordo com a realidade do local onde está inserida, seja na comunidade indígena seja na cidade. Assim, finalizo com meus agradecimentos aos meus pais, família, escola estadual indígena Jula Paré, a coordenadora do programa de bolsistas Jr do CNPq, professora

Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira, à professora Luciane Ipaqueri Quezo e aos meus amigos. Todas essas pessoas, de forma direta ou indireta, me apoiaram, incentivaram a não desistir e enviaram energias positivas. Muito obrigado a todos.

### Referências

COREZOMAÉ, L. F. **Educação escolar do povo indígenas Balatiponé-Umutina: Compreendendo processos educativos da Escola Jula Pará.** Dissertação (Curso de Pós-Graduação em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

PEIXOTO, K. **Racismo contra indígenas: Conhecer é combater.** Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PGSA). Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

DALLARI, D. A. Direitos Humanos e os índios no Brasil. In: DO AMARAL JÚNIOR, Alberto; PERRONE-MOISÉS, Cláudia. **O cinquentenário da declaração universal dos direitos do homem.** São Paulo, Edusp, 1999. p.255.

JUNQUEIRA, R. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. In **Bagoas: estudos gays – gêneros e sexualidades**, vol. 1, nº 1, Natal-RN, jul-dez 2007.

Recebido: 25/04/2024

Aprovado: 10/06/2024

Publicado: 01/07/2024